

O CRUCIFICADO: FONTE DE ESPERANÇA PARA A HUMANIDADE

José Cleiton Barbosa¹

Resumo

Este estudo procura tematizar a vitalidade contida na experiência da cruz. Revisitar este tema é necessário, no panorama da teologia atual, a fim de que esta abordagem seja uma voz pertinente num contexto dos diversos desafios da humanidade. A base da reflexão é a perspectiva cristológica de Jürgen Moltmann, especificamente presente no seu texto "O Deus crucificado". A abordagem da pesquisa pretende apresentar uma visão do Crucificado como promotora de verdadeiro engajamento social, gerador de esperança.

Palavras-chave: Cristologia. Solidariedade. Cruz.

1 INTRODUÇÃO

O panorama da contemplação ativa na abordagem do Crucificado, desenrola-se na difícil tarefa de ser via de ressignificação das realidades mais desumanizantes da cultura contemporânea, mesmo com a aparente contradição desse fato e símbolo, enquanto fruto de um longo processo da perda de sentido e esperança. A identificação de Deus com a humanidade e sua solidariedade com todo o cosmos incentiva-nos a reconsiderar o quanto tal acolhimento é fonte de sentido e esperança para todos os crucificados de hoje, e inclua-se aqui toda a criação que, ainda mais atualmente, "geme como em dores de parto" (Rm 8,22).

Na Escritura percebemos o movimento salvífico de um Deus que "se faz carne e arma sua tenda entre nós" (Jo 1,14), e mais que isso, que se

¹ Bacharel em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Pós-graduação *Lato Sensu* em Gestão Religiosa e Paroquial, e na área da Formação para Reitores de Seminários, pela Faculdade Dehoniana - Taubaté-SP; Mestrando nos programas de Teologia e Direito Canônico da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: sem.cleiton@yahoo.com

mistura e se suja na cruel e dura realidade do pecado (1Cor 5,21). O Cristo toca e é tocado nas suas entranhas, em seu ser, pela escuridão de todos os limites da humanidade, limites agora não mais somente dela, mas de Deus mesmo.

Assim, pretende-se apresentar o Crucificado como sinal de esperança para um mundo marcado pela falta de sentido e pelo desespero. Considerar a solidariedade de Cristo para com a história da humanidade que é assumida por ele em todas as dimensões, é um caminho aberto também para repropor uma práxis libertadora.

2 ASSUMIR PARA REDIMIR

A identificação que acontece entre os crucificados de hoje e Jesus, aponta para aquela fundamental aproximação do mistério divino com a pequenez da humanidade. A dinâmica interna de Deus, que permitiu a Si mesmo fazer-se-com, também potencializa aquela realidade fora assumida, a condição humana, de abrir-se para seu próprio mistério.

O exemplo divino torna-se porta de entrada para que a capacidade de identificação e solidariedade da pessoa, para com seu semelhante, seja fonte de vida e esperança, numa cultura marcada por realidades de morte e desespero. Assim pode-se afirmar que:

Através de seu sofrimento e sua morte, Jesus se identificava com os escravizados e tomava o tormento deles sobre si. E se ele não estava sozinho em seu sofrimento, eles também não estariam abandonados no tormento da escravidão. Jesus estava com eles. Nisso repousava sua esperança de libertação, por meio de sua ressurreição na liberdade de Deus. (Moltmann, 2014, p. 72).

Recapitulando todas as coisas em si, o Cristo denuncia as realidades de morte que fragilizam a dignidade humana, pois estas não fazem parte do projeto do Reino, são inconciliáveis com a proposta de vida do Pai e, por isso, devem ser superadas por meio da conversão das estruturas que as atualizam no curso da história. Existem realidades incompatíveis com a vida

do Reino e todos os que aderem à proposta de Jesus devem, necessariamente, rejeitá-las e construir um caminho de superação de todas elas. Realidades que escravizam, ferem e matam a pessoa humana devem estar fora do esquema de vida daqueles e daquelas que, como o crucificado-ressuscitado, se solidarizam com os crucificados de hoje.

A humanidade pode aderir ao caminho do crucificado, identificando-se com Ele e tornando-se um sinal do Reino do Pai que se manifesta nas contradições do mundo (Lc 14, 25-33). A humanidade é convidada a ressignificar a dor, o sofrimento e a morte. Onde aparentemente o pecado venceu, o crucificado-ressuscitado é luz na escuridão. Abraçando em si mesmo tudo o que é humano, nas mais variadas dimensões que perfazem a vida da pessoa, o Cristo ressignifica todo o caminho, mesmo que doloroso, quando este reveste de sentido a luta que é vivida por opção consciente de busca e construção de realidades que mais reflitam o Reino.

O processo de identificação com o Filho, assim, não fica restrito à pura teoria religiosa, superficial e sem incidência numa práxis cristã. Na verdade, manifesta-se somente enquanto o aproximar-se do marginalizado, do empobrecido, do desprezado, do doente, daquele que morre, reflete a mesma atitude kenótica de Deus que, esvaziando-se de sua glória, fez-se semelhante aos homens (Fl 2, 5-8).

Há uma cruz que dignifica quem está crucificado nela: a cruz sofrida na luta contra a persistência da cruz nos ombros dilacerados dos humilhados e ofendidos de nosso povo. Esta foi a cruz de Jesus Cristo que não era a cruz de um subversivo (Lc 23,2) ou de um revolucionário qualquer, mas de um profeta identificado com a causa de Deus concretizada na causa dos pisoteados deste mundo (BOFF, 1980, p. 28).

Esta identificação de Deus com a história da humanidade é espaço de ressignificação de todo o processo. “A partir da cruz a realidade de Deus se revela também como abertura real para o mundo. Através do Filho, Deus se incorpora ativamente neste processo histórico” (SOBRINO, 1983, p. 243) A dinâmica da cruz, portanto, não é geradora de uma falsa libertação que indica um futuro distante e incerto àqueles que caminham na história

humana, que é história de Deus. Não é palavra destituída de sentido existencial e libertador, mas pelo contrário, é forte denúncia do projeto histórico do pecado.

A pessoa, libertada pelo Deus crucificado, existe e tem sua história num processo, embora desarmonioso, de uma existência concreta. A realização desta esperança não acontece apenas no futuro de Deus, num processo escatológico, sem o já da história. Esta realidade implica responsabilidade desta mesma pessoa libertada. O Reino que irrompeu por meio de Jesus de Nazaré, está unido ao movimento histórico, à humanidade de hoje. Esperar um futuro não significa, pois, permanecer estático, sem fazer com que este mesmo Reino irrompa na história continuamente. Este caminho é somente possível se tudo for assumido e nada permanecer estranho àqueles que intentam ser discípulos do Cristo.

3 UM OLHAR SOBRE O CRUCIFICADO

A reflexão sobre a cruz e sobre o crucificado permanece no constante risco de tornar-se um apelativo sádico e justificador de dominação, de autopiedade, ou se precipita em fundamentar um comodismo maléfico e indiferente à proposta histórica do Reino, lançando e projetando a libertação como um evento supra-histórico. Como aponta Moltmann:

Sem dúvida que a mística do sofrimento pode se transformar em uma justificação do sofrimento. Sem dúvida que a mística da cruz pode louvar o entregar-se ao destino como se fosse uma virtude e, então, transformar-se em apatia melancólica. Compaixão para com o Crucificado pode levar a autocompaixão (Moltmann, 2014, p. 73).

Justificar o sofrimento, tendo como argumento a cruz, é despir o Crucificado de seu conteúdo, colocando-o como objeto de reverência religiosa, ou de referencial sádico, como pode acontecer pelo cultivo de espiritualidades e discursos teológicos e religiosos. É necessário compreender que seu futuro também é denúncia de toda situação de desespero no mundo, de tudo o que segue a lógica do descarte e da morte. O

Crucificado assim deve ser contemplado como sinal de esperança, mas de uma esperança ativa.

Alguns pensamentos e práticas religiosas, por vezes, legitimam o sofrimento, fome, guerra, vingança, racismo, exclusão e morte. Em geral não os produzem diretamente, mas contribuem quando elaboram e fomentam discursos de ódio, ou mesmo quando permanecem inertes, descomprometidos e alheios às realidades que desfiguram a humanidade e a criação. A manipulação do símbolo e da história do crucificado pode revestir a mensagem que brota da cruz daquilo que ela mesmo denuncia. Este risco ronda constantemente a teologia e a pastoral.

O que Jesus imputa aos poderosos é a manipulação que eles fazem do verdadeiro Deus em nome de uma falsa divindade. A forma concreta desta manipulação não é outra sendo a do poder. O poder religioso e o poder político pretendem encobrir o pecado real da situação em nome da divindade. Deste modo Jesus está inserido numa contradição cujo sentido último está na alternativa de escolher entre a divindade como poder opressor e a divindade que liberta. Dentro deste contexto de conflito teológico, o caminho de Jesus para a cruz não é casual, mas o próprio Jesus o provoca ao apresentar uma alternativa. Por um lado, este caminho é um processo para a divindade em que intervêm como testemunhas Jesus de um lado e os poderosos do outro (Sobrino, 1983, p. 214).

Jesus denuncia fortemente o perigoso discurso legitimador de sistemas que manipulam a vida da pessoa humana e justificam o sofrimento, a miséria e a morte. Este modo de encarar a relação com Deus tende a observar o processo histórico sem um engajamento prático, relegando somente ao plano espiritual as consequências do acontecimento motivador e questionador da Encarnação, morte e ressurreição de Jesus. É uma espiritualidade, por vezes, desencarnada.

Haverá sempre espíritos que não se resignarão ao cinismo, ao comodismo e ao pragmatismo daqueles que apenas acreditam no poder e na ordem dos mais fortes. Sonharão como Jesus com um mundo justo para todos. Assumirão todos os riscos para construí-lo. Continuarão a ser condenados e crucificados em nome desta esperança (Boff, 1980, p. 121).

Na Encarnação, e de um modo especial na cruz, toda realidade humana e cósmica foi acolhida. Os abismos mais profundos onde reina a negação do humano foram alcançados por Ele. Aqui faz-se necessário recordar que a fome de justiça foi sentida e não aceita, a política pautada na lógica da opressão foi rejeitada, uma forma de viver a religião apenas como mero compromisso com a estética, foi reprovada. O Cristo não se contentou em realizar um discurso de futuro, mas presentificou a realidade anunciada por meio de uma práxis de denúncia, libertação e esperança. Como afirma Moltmann:

Jesus não sofreu passivamente no seu mundo, mas pôs seu mundo contra si através de sua mensagem de vida. Sua crucificação também não lhe sobreveio como um destino terrível, de modo que fosse possível falar de um fracasso heróico, tal como os heróis muitas vezes fracassam, mas permanecem heróis para o mundo posterior. De acordo com os evangelhos, Jesus mesmo tomou o caminho para Jerusalém e aceitou ativamente para si os sofrimentos que o aguardavam (Moltmann, 2014, p. 75-76).

O crucificado-ressuscitado apresenta-se assim como realidade significativa de todo o processo histórico de comprometimento com a causa dos empobrecidos e sofredores. Nele, aqueles que também se abaixam para lavar os pés da humanidade ferida, e por isso são pisoteados e sacrificados, encontram sentido. "A fé cristã num absoluto Sagrado no homem e num Deus comprometido com o destino de cada um transforma-se em mística capaz de dar sentido transcendente a toda dor e a todo sacrifício" (Boff, 1977, p. 151).

A humanidade é chamada a assumir a novidade do Reino e a encarar a história do mal dentro de um processo mais amplo, sendo capaz de engajar-se na desarticulação de tal realidade, estando este mal dentro das estruturas políticas, sociais, culturais, econômicas e até mesmo religiosas. O não-compactuar com estruturas que mantêm a dolorosa história da desumanização da pessoa, que geram desespero, e que são indiferentes ao sofrimento de Cristo nos excluídos do mundo é característica da vida

daqueles que encontram sentido para seus sofrimentos no sofrimento do Filho e que por isso são levados a lutar para que outros também façam a experiência da libertação. Assim,

Quanto mais a mística da cruz reconhece isso, menos ela pode tomar Jesus como exemplo para suportar e submeter-se ao destino. Quanto mais ela reconhece sua Paixão ativa, menos pode tomá-lo como arquétipo de suas próprias fraquezas. Quanto mais as pessoas em situação de miséria entram em contato com a sua solidariedade para com eles, mais a solidariedade deles para com seus sofrimentos os tira de suas situações (Moltmann, 2014, p. 76).

Desta forma, pode-se perceber que a Pessoa do Cristo é centro de motivação para um comprometimento histórico que multiplica a esperança, sendo ele mesmo, fonte de sentido que ressignifica a vida. A esperança suscitada por Jesus não atenua aquilo que da vida emerge como sofrimento e morte, mas, pelo contrário, revela sua fonte e a destrói com a força da vida que brota na história como dom de Deus.

Essa presença vindoura da pasesia de Deus e de Cristo nas promessas do Evangelho do crucificado não nos arranca do tempo, nem faz parar o tempo, antes fura o tempo e move a história; não é a negação do sofrimento por causa do não-ser, mas a aceitação e inserção do não-existente na lembrança e na esperança. Poderá existir um "eterno sim ao ser" sem um "sim" àquilo que já não é e àquilo que ainda não é? Poderá haver harmonia e contemporaneidade do ser humano no hoje, sem reconciliação, por meio da esperança, com o não-contemporâneo e o não-harmônico? O amor não tira ninguém da dor do tempo, antes toma sobre si a dor daquilo que é temporal. A esperança prontifica-se a carregar a "cruz do presente". Ela pode suportar a morte e esperar pelo inesperado (Moltmann, 2023, p. 39-40).

Esta presentificação do futuro no anúncio e testemunho de Jesus, pede à humanidade uma adesão existencial que, experimentando o amor de Deus que o chama à comunhão, torna-se agente atualizador do Reino. A realização histórica deste, passa pelas mãos de cada pessoa que, na liberdade de filho, no Filho Jesus, diz sim ao projeto histórico-escatológico de libertação e esperança.

A pobreza e os sofrimentos de Cristo só podem ser experimentados e compreendidos no caminho da participação na missão e no discipulado de sua tarefa. Por isso, quanto os mais pobres compreenderem, na mística da cruz, a cruz como a cruz de Cristo, mais eles serão libertados de sua apatia e submissão ao destino (Moltmann, 2014, p. 77).

Partilhando o destino da humanidade Deus permeia a realidade de vida e vivifica a história ferida e marcada pelo pecado. Assim, cada pessoa vive, em sua história, a vida de Deus, uma realidade preta de esperança. A história divina que assume, em si, a história humana, de um modo muito particular na autorrevelação de Deus, por meio da Encarnação do Filho, ressignifica todas as coisas que ela abarca e as projeta no futuro escatológico.

Logicamente, o Reino que emerge na singularidade dos fatos históricos encontra muitas vezes a oposição das forças do pecado, atualizado na história gerando morte. O sofrimento e desespero que brota destas experiências desumanizantes é assumido e superado naqueles e por aqueles que sofrem, mas encontram, no engajamento por mudanças qualitativas, na resistência às forças históricas do mal e no Crucificado-ressuscitado, o verdadeiro sentido de suas vidas, encontram esperança. O sofrimento da humanidade, no sofrimento de Jesus, é ressignificado enquanto torna-se denúncia das realidades que o provocaram, e força para a luta comprometida para concretização do Reino de esperança, desde já, na história humana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Encarnação, a realidade divina que invade as dimensões da criação, encontra um lugar para a experiência libertadora e recriadora. As particularidades, dimensões, limitações, imperfeições, desejos e fragilidades de todas as coisas são assumidas pelo Amor-doação a fim de levar a termo todas as potencialidades constitutivas da criação.

O diálogo de Deus com a humanidade, desenvolvido na manifestação na pessoa do Filho, transforma a história humana e cósmica, em espaço de sua autorrevelação. O Crucificado que se esvazia a si mesmo, permite à humanidade abrir-se ao mistério de Deus na mesma proporção em que acolhe a novidade do Amor de Deus.

Este processo de esvaziamento e identificação de Deus com a sua criação, de um modo particular com a humanidade, encontra no evento da cruz, lugar síntese desta manifestação. A cruz, como momento culminante do processo redentor, é o sinal da perfeita comunhão e identificação da história divina com a história cósmica.

Assim, o Crucificado conduz a humanidade para fora da condição de morte em que se encontra, transfigurando-a e inserindo-a, desde já, no futuro de Deus que é também o seu. A denúncia da cruz deve encontrar eco na vida dos crucificados de ontem e de hoje. A cadeia desumanizante que descaracteriza a criação deve ser combatida a fim de que o sofrimento de muitos, mesmo acolhido pelo Pai, não seja recebido, por aqueles que fizeram a opção pelo Reino, como algo suportável, natural e inevitável. Ora, a cruz de ontem e de hoje somente tem sentido enquanto ligada à expressão máxima do amor vital e vitalizante do Crucificado-ressuscitado, enquanto este é protesto contra o anti-reino.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2011.

BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo - paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOFF, Leonardo. *Via-sacra da justiça*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudo sobre os fundamentos e*

as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, 2023.

SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983.